

Correlação entre o grau de complexidade e o grau de regularidade e de saturação de paradigmas derivacionais

Alexandra Soares Rodrigues
ESE - Instituto Politécnico de Bragança
CELGA-ILTEC - Universidade de Coimbra
afsr@ipb.pt

Resumo

Na morfologia, o conceito de paradigma tem sido tradicionalmente usado no estudo da flexão e não no da derivação. Esta visão tem sido contrariada por estudos como Štekauer (2014) e Antoniová & Štekauer (2015). Baseando-se na aplicação do conceito de paradigma à morfologia derivacional, este trabalho analisa a correlação entre o grau de complexidade e o grau de regularidade e de saturação dos paradigmas derivacionais de nomes deadjetivais em *-idad(e)* do português, através da análise de *corpora*.

Os resultados do estudo evidenciam uma correlação entre o grau de complexidade do paradigma (número de operações derivacionais envolvidas no paradigma, compreendendo-se nestas operações os processos fonológicos-morfológicos-sintáticos-semânticos) e o grau de regularidade e saturação do paradigma. O estudo determina que quanto mais complexa for a constituição do paradigma, maior a sua regularidade e saturação. O estudo mostra ainda que constrangimentos de subpadrões têm um efeito sobre o grau de regularidade e de saturação dos paradigmas.

Palabras clave: paradigma, formação de palavras, regularidade, previsibilidade

1. Introdução

Este trabalho analisa a correlação entre o grau de complexidade e o grau de regularidade e de saturação dos paradigmas derivacionais de nomes deadjetivais com o sufixo *-idad(e)*, através da análise de *corpora* do português contemporâneo (*Corpus de Referência do Português Contemporâneo, Corpus do Português, Linguateca*).

No estudo da morfologia, o conceito de paradigma tem sido tradicionalmente usado no estudo da flexão e não no da derivação. Esta visão tem vindo a ser contrariada por autores como Stump (1991), Bauer (1997), Booij (1997), van Marle (1985), Pounder (2000), Štekauer (2014), Antoniová & Štekauer (2015) e Blevins (2016). O interesse pela perspetiva paradigmática da morfologia derivacional tem dado lugar à realização de encontros científicos recentes, como o *ParadigmMo (First Workshop on Paradigmatic Word Formation Modeling)* (Toulouse, 2017).

Estes estudos demonstram que os alegados contrastes entre a regularidade, a produtividade e a previsibilidade da flexão e da genolexia são contraditos por dados empíricos. Štekauer (2014: 62) e Antoniová & Štekauer (2015: 62-63) propõem que a aplicabilidade do conceito de paradigma ao domínio genolexical decorre de:

- i) Flexão e genolexia operarem paradigmaticamente com classes lexicais. Na flexão há paradigmas dependendo da classe lexical do item; na genolexia, há correlações paradigmáticas entre classes lexicais, como a formação de nomes a partir de verbos.
- ii) Os paradigmas flexionais se organizarem por meio de morfemas que exprimem categorias cognitivas como CASO, NÚMERO e de os paradigmas genolexicais se organizarem por meio de afixos que exprimem categorias cognitivas como AGENTE, INSTRUMENTO, etc.
- iii) Tal como as categorias cognitivas da flexão, na derivação, diferentes operadores podem concretizar a mesma categoria cognitiva (e.g. os afixos *-dor*, *-ist(a)*, *-deir(o)* podem expressar AGENTE).

iv) Os paradigmas genolexicais funcionarem como padrões para a formação e a compreensão de novos lexemas. Os paradigmas representam os princípios de regularidade e de previsibilidade que se encontram não apenas na flexão, mas também na genolexia (e.g. a formação de nomes que seguem o paradigma [-iz- : -ção]).

Bauer (1997) e Štekauer (2014) enfatizam que a diferença entre os paradigmas flexionais e os derivacionais reside na obrigatoriedade dos primeiros. Os paradigmas derivacionais abrem espaços vazios preenchíveis por lexemas potenciais.

A regularidade, na flexão e na derivação, apresenta graus variáveis. Antoniová & Štekauer (2015) aplicam o conceito de *saturação* (Körtvélyessy 2015) aos paradigmas derivacionais para quantificação da regularidade dos paradigmas.

Partindo destes pressupostos, este trabalho visa avaliar o grau de saturação nos paradigmas de formação de nomes deadjetivais com o sufixo *-idad(e)* do português contemporâneo.

Os resultados do estudo evidenciam uma correlação entre o grau de complexidade do paradigma (número de operações derivacionais envolvidas no paradigma, compreendendo-se nestas operações os processos fonológicos-morfológicos-sintáticos-semânticos) e o grau de regularidade e saturação do paradigma. O estudo determina que quanto mais complexa for a constituição do paradigma, maior a sua regularidade e saturação. Assim, paradigmas com maior grau de complexidade, i.e. com maior número de operações derivacionais envolvidas, como aqueles que se instanciam em lexemas como *sustentabilidade* (adjetivalização em *-vel* e nominalização em *-idad(e)*), apresentam maior regularidade e saturação do que paradigmas menos complexos, i.e. com menor número de operações derivacionais envolvidas, exemplificados por lexemas como *claridade* (nominalização em *-idad(e)*).

2. A noção de paradigma na morfologia derivacional e a sua saturação

De acordo com Štekauer (2014), o paradigma derivacional apresenta dois aspetos. O primeiro aspeto, sendo estático, consiste em o paradigma derivacional funcionar como um sistema de relações que envolve lexemas atuais e potenciais. O segundo aspeto, que é dinâmico, constitui o paradigma como um mecanismo de formação de novos lexemas. Booij (2007:31) enfatiza a correlação entre ambos os aspetos, considerando que a formação lexical tem alicerce nas relações entre lexemas atuais.

Tomemos o paradigma [-al : *-idad(e)*] instituído com base na relação entre os adjetivos sufixados em *-al* e os nomes sufixados em *-idad(e)*. O aspeto estático do paradigma consiste nas relações existentes entre todos os lexemas que instanciam as correlações exemplificadas por [*atual* : *atualidade*]; [*substancial* : *substancialidade*]; [*causal* : *causalidade*]; [*normal* : *normalidade*]; etc. O aspeto dinâmico do paradigma consolida-se na atualização de lexemas potenciais formados com base nas relações presentes entre os elementos do paradigma. Assim, formações como *estomacalidade*¹, correlato de *estomacal*, evidenciam o dinamismo dos paradigmas derivacionais.

O paradigma institui-se, pois, no domínio da morfologia derivacional com base na dimensão relacional que é possível estabelecer entre diferentes objetos que podem funcionar como fatores congregadores dos paradigmas.

Segundo Pounder (2000), esses fatores podem consistir nas relações categoriais entre os lexemas base e os lexemas derivados (e.g. a relação entre adjetivos como *belo*, *surdo*, *branco*,

¹ vodcabarata.blogspot.com/2011/02/please-master.html: «ontem ricardo [sic] partipou [sic] de uma leitura em friedrichshain, onde apresentou - com toda sua *estomacalidade* - um dos mais lindos poemas da história mundial.».

doido e os nomes *beleza*, *surdez*, *brancura*, *doidice*, que daqueles derivam), nas relações semânticas entre os mesmos (referenciação da qualidade designada pelo adjetivo), na relação entre morfemas (*e.g.* os adjetivos com o sufixo *-al* formam nomes de qualidade em *-idad(e)*), entre outros.

Sendo um paradigma derivacional um padrão, ou modelo mental, para a formação de lexemas, as relações entre morfemas observáveis no conjunto de instâncias que formam o paradigma podem, pois, constituir-se como elementos congregadores desses paradigmas. Assim, as relações entre as instâncias lexicais que apresentam o morfema *-al* e o morfema *-idad(e)* constituem um paradigma derivacional que se caracteriza como complexo, pelo facto de a sua composição ser o resultado de mais do que uma operação derivacional.

Já as relações existentes entre adjetivos não derivados e os nomes em *-idad(e)*, como [*suave* : *suavidade*]; [*futuro* : *futuridade*]; [*falso* : *falsidade*]; [*sereno* : *serenidade*], perfazem um paradigma com menor grau de complexidade, uma vez que a base, sendo não construída, não resulta de operações derivacionais, pelo que o produto nominal ostenta apenas o resultado da operação derivacional que lhe deu origem.

Tendo como base o grau de complexidade dos paradigmas, é necessário operarmos com a distinção entre lexemas não construídos simples e lexemas construídos complexos (Rodrigues 2008).

Por lexemas não construídos simples entendem-se os lexemas que não resultam de nenhuma operação derivacional (não construídos) e que não ostentam elementos morfológicos suscetíveis de serem interpretados como morfemas derivacionais (simples). Assim, o adjetivo *suave* obedece a ambos os critérios. O adjetivo *comestível* obedece ao primeiro critério, sendo não construído, mas desobedece ao segundo, uma vez que o segmento que se constitui como sílaba final do lexema é suscetível de ser interpretado como o morfema *-vel*, já que com este se assemelha nas estruturas fonológica e que o lexema em que se insere apresenta uma semântica similar às dos adjetivos construídos através do sufixo *-vel* ('que pode ser objeto de evento'). Um adjetivo como *bajoujo* obedece ao segundo critério, uma vez que não é formado com recurso a operações derivacionais que requeiram processos morfológicos marcados, como é a conversão, mas desobedece ao primeiro critério, visto que se trata de um adjetivo formado a partir da base verbal *bajoujar*.

Por lexemas construídos complexos compreendem-se os adjetivos que resultam de uma operação derivacional (construídos) que se serve de um processo morfológico marcado (afixação, composição, excluindo-se, assim, a conversão), sendo, por isso, complexo. Um adjetivo como *comparável* obedece aos dois critérios. Trata-se de um lexema construído a partir do tema da base *comparar* através de um processo morfológico aditivo de afixação, especificamente de sufixação por *-vel*. Um adjetivo como *satisfeito* não é formado a partir de nenhuma operação genolexical disponível em português. Contudo, a sua estrutura é complexa, já que apresenta o componente *-feito* identificável com aquele disposto em *rarefeito*, *contrafeito* e com a própria unidade *feito*. O exemplo de *bajoujo*, providenciado no parágrafo anterior, ilustra os casos de lexemas construídos, mas não complexos.

O grau de complexidade do paradigma está dependente do número de operações derivacionais envolvidas no paradigma. Inscrevem-se dentro de cada operação derivacional os processos fonológico(s), morfológico, sintático e semântico envolvidos na formação do derivado.

Os dois critérios apresentados – construído e complexo – não obrigam à existência real /atestada de uma base, à luz da perspetiva paradigmática da formação de palavras.

Isto significa que o grau de complexidade do paradigma depende do número de operações derivacionais manifestadas nos lexemas construídos à luz desse paradigma e não da atestação

de lexemas intermédios, ou seja, de lexemas atuais que fossem bases reais dos lexemas produtores e produtos do paradigma.

Uma abordagem paradigmática pressupõe que a formação de um dado lexema não requer a obrigatoriedade atualidade ou mesmo a potencialidade de um lexema base. Quer isto dizer que através do paradigma que se encontra instituído pelo par [*gramatical* : *gramaticalidade*] se podem formar os derivados *paradigmaticalidade*² ou *semanticalidade*³, ainda que as bases ^o*paradigmatical* e ^o*semantical* não sejam nem reais nem potenciais.

Assim, de acordo com esta abordagem, o efeito paradigmático de uma relação entre bases e derivados observa-se na possibilidade de se formarem produtos como *semanticalidade* e *paradigmaticalidade*, não porque se encontrem atestadas as formas ^o*semantical* e ^o*paradigmatical*, mas porque a combinatória sufixal [-*al* : -*idad(e)*] (visível na relação genolexical entre formas como [*social* : *socialidade*], [*eventual* : *eventualidade*], [*temporal* : *temporalidade*]) possui capacidade de construção de padrão.

Em Rodrigues (2017a; 2017b), designámos por *capacidade de construção de padrão* a capacidade de uma combinatória afixal para funcionar como um padrão no léxico mental do falante para a interpretação e para a produção de unidades lexicais. Nos mesmos trabalhos, demonstraram-se as relações de dependência entre a capacidade de construção de padrão e a previsibilidade da combinatória afixal, bem como a dependência de ambas relativamente a informação mental que permita a categorização de um estímulo como instância desse padrão. A relação entre frequência de padrão, a sua previsibilidade e a produtividade do mesmo na formação de novos lexemas encontra-se amplamente descrita na literatura da especialidade (cf. Hawkins & Blakeslee 2004; Plag & Baayen 2009; Bell & Schäfer 2013; 2016).

A capacidade de construção de padrão manifesta-se na regularidade do paradigma, que é verificável através do grau de *saturação* do mesmo (Körtvélyessy 2015). A saturação do paradigma (*S*) consiste no grau de completude dos paradigmas com lexemas existentes, sendo mensurável através do cálculo do número de lexemas existentes (*le*) construídos através de um dado paradigma sobre o número de lexemas possíveis (*lp*) do mesmo paradigma:

$$S = 100 \times le/lp$$

Tomemos o seguinte exemplo: a formação de nomes deverbais com o sufixo *-ção* pode fazer-se a partir de bases verbais sufixadas em *-iz-*. Podemos representar o paradigma em causa por [-*iz-* : -*ção*]. Imaginemos que existem 3000 verbos com o sufixo *-iz-*. Dado que os verbos em *-iz-* podem formar nomes em *-ção*, o número de lexemas possíveis do paradigma [-*iz-* : -*ção*] seria 3000. A avaliação do grau de saturação do paradigma numa dada sincronia consiste em verificar o número de lexemas existentes formados no paradigma sobre o número de lexemas possíveis. Imaginemos que foram encontrados 2777 lexemas existentes, então $2777 / 3000 = 93\%$. O grau de saturação do paradigma [-*iz-* : -*ção*] seria de 93%.

² <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/130926/332872.pdf?sequence=1>: «Para a identificação do grau de autonomia das formas, o pesquisador propõe seis parâmetros estruturais de GR correlacionando restrições paradigmáticas e sintagmáticas: integridade, paradigmaticalidade, variabilidade paradigmática, escopo estrutural, vinculação e variabilidade sintagmática.».

³ repositorio.ul.pt/bitstream/10451/17834/1/ulfpie047115_tm.pdf: «reuniram a informação de trabalhos anteriores sobre a evolução da linguagem, nomeadamente nos campos da comparação com as capacidades dos grandes símios, na semanticalidade e em dados neuronais.».

3. Metodologia

3.1. Corpus

Uma vez que o objetivo deste estudo consiste na avaliação do efeito do grau de complexidade dos paradigmas derivacionais de nomes adjetivais com o sufixo *-idad(e)* e o seu grau de regularidade e de saturação, procedemos à construção de um *corpus* constituído por adjetivos. Dado estar demonstrada a relação entre frequência da base e a produtividade genolexical (cf. Schreuder & Baayen 1997; De Jong, Schreuder & Baayen 2000), para o *corpus* que serviu de base a este trabalho, seleccionámos adjetivos com frequência elevada através do *Corpus do Português*.

Esses adjetivos obedecem a uma primeira categorização: adjetivos não construídos simples e adjetivos construídos complexos, tal como descrito na secção 2 deste trabalho.

Dentro dos adjetivos construídos, seleccionaram-se adjetivos sufixados que podem funcionar como bases da nominalização em *-idad(e)*. De acordo com Rio-Torto (2016: 141), os adjetivos construídos que cumprem essa condição apresentam sufixação em *-al*, *-ar*, *-os(o)*, *-vel*, *-eir(o)*, *-ic(o)*, *-iv(o)* e *-ês*. Destas sufixações, optámos por analisar aquelas em *-al*, *-ar*, *-os(o)* e *-vel*, por serem estes os sufixos mais produtivos na formação de adjetivos. A seleção foi feita a partir do *Corpus do Português* e teve em conta a frequência dos adjetivos.

Assim, o corpus por nós construído contém os 233 adjetivos não construídos simples mais frequentes (e.g. *grande*, *pequeno*, *alto*, *forte*, etc.), os 233 adjetivos construídos com o sufixo *-al* mais frequentes (e.g. *ambiental*, *policial*, *educacional*, *salarial*, etc.), os 104 adjetivos sufixados em *-ar* mais frequentes (e.g. *alimentar*, *curricular*, *hospitalar*, *auxiliar*, etc.), os 233 adjetivos em *-os(o)* mais frequentes (e.g. *poderoso*, *criminoso*, *glorioso*, *mentiroso*, etc.) e os 233 adjetivos construídos com o sufixo *-vel* mais frequentes (e.g. *abominável*, *invejável*, *louvável*, *dispensável*, etc.). A discrepância do número de adjetivos com o sufixo *-ar* em relação ao dos restantes deve-se ao critério de frequência apontado em cima.

Obtido o *corpus* de adjetivos suscetíveis de funcionarem como bases de nomes em *-idad(e)*, procedeu-se à verificação destes eventuais produtos no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, no *Corpus do Português* e na *Linguatca*. Para tal, foi pesquisada manualmente nos *corpora* a forma construível com o sufixo *-idad(e)* a partir de cada um dos adjetivos que constituíam o *corpus* inicial. Assim, exemplificando, a partir, respetivamente, de *pequeno*, *grande*, *salarial*, *glorioso*, etc., inseriram-se uma a uma as formas ^o*pequenidade*, ^o*grandidade*, ^o*salarialidade*, ^o*gloriosidade* na janela de pesquisa dos *corpora* com o objetivo de verificar a sua inclusão ou não nos mesmos.

3.2 Hipóteses

As hipóteses de que partimos são formuladas em seguida:

Partindo do pressuposto de que combinatórias afixais apresentam maior capacidade de construção de padrão do que uma série fonológica sem combinatória afixal, devido à previsibilidade da mesma, prevemos que os paradigmas de produtos de adjetivos eles mesmos sufixados apresentem um grau de regularidade e de saturação mais elevado do que o grau de regularidade e de saturação dos produtos de adjetivos não sufixados.

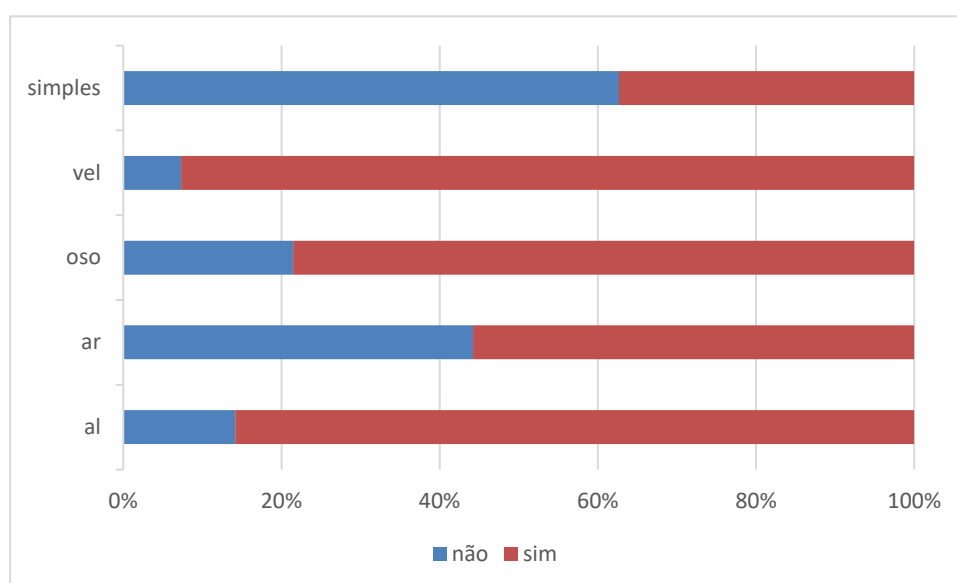
Em termos de perspetiva paradigmática, esta hipótese obedece à seguinte formulação:

Quanto mais complexa for a constituição morfológica do paradigma, maior a sua regularidade e saturação. Os paradigmas com maior grau de complexidade (ostentando maior número de operações derivacionais envolvidas) apresentam maior regularidade e saturação do que os paradigmas que contêm menor número de operações derivacionais.

Dado que a genolexia se encontra moldada por constrangimentos organizados em padrões e subpadrões (Rodrigues (2014; 2015), prevemos que a correlação entre o grau de complexidade do paradigma e o seu grau de regularidade e de saturação seja afetada pela existência de constrangimentos estruturais organizados em subpadrões

4. Resultados

O Quadro 1 mostra que das várias categorias de adjetivos, aquela que maior número de derivados em *-idad(e)* apresenta é constituída pelos adjetivos construídos com o sufixo *-vel*, seguindo-se os adjetivos em *-al*, os adjetivos em *-os(o)* e os adjetivos em *-ar*. Os adjetivos não construídos simples revelaram-se como a categoria que menor número de produtos em *-idad(e)* constrói.



Quadro 1. Saturação de paradigmas de nomes em *-idad(e)*

O grau de saturação de cada paradigma é mostrado no Quadro 2.

Paradigma	Grau de saturação
[-vel : -idade]	93%
[-al : -idade]	86%
[-os(o) : -idade]	79%
[-ar : -idade]	56%
[simples : -idade]	37%

Quadro 2. Grau de saturação dos paradigmas

5. Discussão

Os dados mencionados na secção 4 mostram que a complexidade morfológica do paradigma está relacionada com a regularidade e a saturação do mesmo. No entanto, para um mais profundo entendimento do funcionamento dos paradigmas derivacionais, devem ter-se em consideração fatores de constrangimentos genolexicais mais estreitos do que a formatação morfológica do paradigma, isto é, que laboram, por exemplo, com estruturas semânticas apenas presentes em algumas das bases que constituem um dos termos do paradigma.

O fator dos constrangimentos semânticos tem um efeito visível ao nível do grau de regularidade e de saturação do paradigma [-ar : -idad(e)]. Consiste esse constrangimento no facto de o domínio semântico de *ANATOMIA*, altamente representado no conjunto de adjetivos em -ar mais frequentes, não admitir a formação de nomes em -idad(e). Para os adjetivos *pulmonar, cardiovascular, lombar, ocular, ventricular, biliar, ocular, intramuscular, intracelular, jugular, alveolar, neuromuscular, testicular, axilar, folicular, glandular, mandibular*, entre outros, não foi encontrado o produto em -idad(e) que seria expectável pelo padrão [-ar : -idad(e)].

Isto significa que, tal como havíamos defendido em trabalhos anteriores (e.g. Rodrigues 2014; 2015), existem constrangimentos à genolexia situados em diversas estruturas que operam em padrões e subpadrões. A atuação desses constrangimentos compromete a regularidade e a saturação de paradigmas derivacionais

6. Conclusão

O presente estudo avalia o grau de regularidade e de complexidade dos paradigmas de formação de nomes de qualidade [-vel : -idade], [-al : -idade], [-os(o) : -idade], [-ar : -idade], [simples : -idade]. O estudo corrobora a hipótese formulada segundo a qual existe uma correlação direta entre o grau de complexidade derivacional do paradigma e o grau de regularidade e de saturação do mesmo. O estudo corrobora ainda que os fatores de constrangimentos de nível mais estrito do que aquele formulado no paradigma afeta o grau de regularidade e de saturação do paradigma

Referências bibliográficas

- Antoniová, V. y P. Štekauer (2015). “Derivational paradigms within the selected conceptual fields – contrastive research”. *Facta Universitatis*, 13:2, 61-75.
- Bauer, L. (1997). “Derivational paradigms”. En G. Booij y J. van Marle (eds.) *Yearbook of morphology 1996*. Dordrecht: Kluwer, 243-256.
- Bell, M. J. y M. Schäfer (2013). “Semantic transparency: challenges for distributional semantics”. En A. Herbelot, R. Zamparelli y G. Boleda (eds.) *Proceedings of the IWCS 2013 workshop: Towards a formal distributional semantics*. Potsdam: Association for Computational Linguistics, 1-10. Publicado em: <<http://www.aclweb.org/anthology/W13-0601>>.
- Bell, M. J. y M. Schäfer (2016). “Modelling semantic transparency”. *Morphology* Publicado em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s11525-016-9286-3>>.
- Booij, G. (1997). “Autonomous morphology and paradigmatic relations”. En G. Booij y J. van Marle (eds.) *Yearbook of Morphology 1996*. Dordrecht/Boston: Kluwer, 243-256.
- Booij, G. (2007). “Paradigmatic morphology”. En B. Fradin (ed.) *La raison morphologique. Hommage à la mémoire de Danielle Corbin*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 29-38.
- Booij, G. y R. Lieber (2004). “On the paradigmatic nature of affixal semantics in English and Dutch”. *Linguistics*, 42:2, 327-357.
- Corpus de Referência do Português Contemporâneo*. Publicado em <<http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/>>.
- Corpus do Português*. Publicado em <www.corpusdoportuguês.org>.
- De Jong, N. H., R. Schreuder y H. Baayen (2000). “The morphological family size effect and morphology”. *Language and Cognitive Processes*, 15, 329-365.
- Hawkins, J. y S. Blakeslee (2004). *On intelligence*. New York: Henry Holt and Company.

- Körtvélyessy, L. (2015). *Evaluative morphology from cross-linguistic perspective*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- Linguatca*. Publicado em: <www.linguatca.pt>.
- Plag, I. & H. Baayen (2009). “Suffix ordering and morphological processing”. *Language*, 85:1, 109-152.
- Pounder, A. (2000). *Process and paradigms in word-formation morphology*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter.
- Rio-Torto, G. (2016). “Nomes deadjetivais”. En G. Rio-Torto, A. S. Rodrigues, I. Pereira, R. Pereira y S. Ribeiro, *Gramática derivacional do Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2.^a edição revista, 136-149.
- Rodrigues, A. S. (2008). *Formação de substantivos deverbais sufixados em português*. München: Lincom.
- Rodrigues, A. S. (2014). “Causative eventive chains and selection of affixes in Portuguese nominalisations”. *Lingue e Linguaggio*, XIII/1, 159-184.
- Rodrigues, A. S. (2015). *A gramática do léxico: morfologia derivacional e o léxico mental*. München: Lincom.
- Rodrigues, A. S. (2017a). “Limits on the extension of affixal combination: structural restrictions and processing conditions”. *Suvremena Lingvistika*, 43:83, 49-103.
- Rodrigues, A. S. (2017b). “O processamento de lexemas com combinação afixal múltipla no português europeu”. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 3, 285-310. Publicado em: <<https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln3ano2017a16>>.
- Schreuder, R. y H. Baayen (1997). “How complex simplex words can be”. *Journal of Memory and Language*, 37, 118-139.
- Štekauer, P. (2014). “Derivational paradigms”. En R. Lieber y P. Štekauer (eds.) *The Oxford handbook of derivational morphology*. Oxford: Oxford University Press, 354-369.
- Stump, G. T. (1991). “A paradigm-based theory of morphosemantic mismatches”. *Language*, 67, 675-725.
- Van Marle, J. (1985). *On the paradigmatic dimension of morphological creativity*. Dordrecht: Foris.